

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA INFÂNCIA: CAMINHOS FORMATIVOS CONSTRUÍDOS NO GEALFI

Edilma Mendes Rodrigues Gonçalves¹; Ana Raquel da Silva Mesquita²; Shirley De Sá Nascimento Lima³

¹Professora da UESPI e Coordenadora do GEALFI no Estado do Piauí, Brasil.

edilmamendes@cte.uespi.br

²Coordenadora Pedagógica pela SEDUC-TO e membro do GEALFI, Brasil.

anainharaquel2020@gmail.com

³Psicopedagoga e membro do GEALFI no Estado do Piauí, Brasil.

shirley.desa.neuropsicopedagoga@gmail.com

Introdução

A formação inicial de professoras e professores para atuar na alfabetização e no letramento na infância continua sendo um desafio nos cursos de Pedagogia no Brasil. Pesquisas sobre formação docente (Gatti, 2010; Pimenta, 2012) indicam a persistência de uma fragmentação entre fundamentos teóricos e experiências práticas, o que repercute diretamente na preparação para o trabalho com a linguagem escrita. No campo específico da alfabetização, autoras como Soares (2020) e Mortatti (2019) apontam que lacunas conceituais e disputas metodológicas ainda atravessam os processos formativos, dificultando a construção de práticas pedagógicas socialmente situadas e teoricamente fundamentadas.

Compreender a alfabetização como processo que envolve dimensões linguísticas, culturais, cognitivas e sociais exige que o futuro pedagogo desenvolva uma postura investigativa desde a graduação. Implica reconhecer a escrita como prática social e criar experiências significativas de leitura e produção textual na infância. Tal compreensão não se consolida apenas por meio de disciplinas isoladas, mas pela inserção dos estudantes em espaços de estudo, pesquisa e reflexão coletiva.

Além disso, na Educação Infantil, embora seja possível desenvolver práticas de leitura e escrita de forma significativa, observa-se que muitas propostas relacionadas à linguagem escrita ainda se organizam de modo fragmentado, com ênfase em tarefas repetitivas e no uso predominante de atividades xerocadas, pouco articuladas às experiências e culturas das crianças, como aponta a pesquisa de doutorado de Gonçalves (2025).

Tal configuração não se restringe a essa etapa, sendo também identificada, em diferentes contextos escolares, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, onde o ensino da escrita, por vezes, assume caráter excessivamente técnico e descontextualizado. A análise do cotidiano escolar evidenciou que, apesar da intenção de trabalhar a leitura e a escrita de maneira contextualizada, nem sempre as propostas dialogam com as práticas sociais de linguagem vivenciadas pelas crianças, revelando tensões entre as concepções teóricas defendidas nos documentos formativos e o planejamento efetivamente realizado na sala de aula (Gonçalves, 2025).

Esses achados reforçam a necessidade de uma formação inicial que promova não apenas o domínio conceitual sobre alfabetização e letramento, mas também a capacidade de problematizar criticamente as práticas pedagógicas. Nesse sentido, torna-se imprescindível que os cursos de formação de professores articulem teoria e prática de modo reflexivo, possibilitando aos futuros docentes compreenderem os processos de aprendizagem em sua complexidade social, cultural e histórica. Além disso, a formação deve incentivar a postura investigativa e o compromisso ético com a promoção de práticas inclusivas, capazes de responder à diversidade presente nos contextos escolares.

É nesse contexto que se insere o GEALFI – Grupo de Estudos sobre Alfabetização e Letramento na Infância, vinculado à Universidade Estadual do Piauí - UESPI e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. O grupo reúne pedagogos, docentes da educação básica, professores do ensino superior, pós-graduandos e licenciandos que reconhecem a centralidade da pesquisa para a formação docente. Trata-se de um espaço interinstitucional e colaborativo que articula universidade e escola, fortalecendo a compreensão de que a formação do pedagogo que atua na sala de aula exige estudo sistemático, análise crítica da prática e produção de conhecimento.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar a contribuição do GEALFI para a formação inicial e continuada de profissionais da educação que atuam com alfabetização e letramento na infância, evidenciando como a inserção em práticas investigativas e em espaços coletivos de estudo potencializa a compreensão crítica da linguagem escrita e de suas implicações pedagógicas.

Metodologia

O trabalho caracteriza-se como relato analítico de experiência formativa, com abordagem qualitativa. A análise toma como referência as ações desenvolvidas no âmbito do GEALFI, incluindo encontros quinzenais de estudo, leitura e discussão de textos, produção acadêmica, participação em eventos científicos e organização de ações extensionistas.

Consideram-se, ainda, as atividades vinculadas ao Programa de Extensão Permanente “Alfabetizar letrando na infância”, institucionalizado na UESPI, com organização em ciclos formativos contínuos e carga horária anual de 120h. O programa amplia a atuação do grupo ao transformar estudos teóricos em ações formativas voltadas à comunidade acadêmica e à educação básica.

A análise centra-se na compreensão dos impactos formativos produzidos no âmbito do grupo, particularmente no desenvolvimento da atitude investigativa, na ampliação do repertório teórico e na ressignificação das práticas pedagógicas relacionadas à alfabetização e ao letramento na infância.

Resultados e Discussões

A análise das ações desenvolvidas no âmbito do GEALFI evidencia que a formação docente se fortalece quando estruturada em espaços coletivos de estudo e investigação que articulam universidade e escola. A participação de pedagogos, professores da educação básica, docentes do ensino superior, pós-graduandos e licenciandos possibilita que as discussões teóricas sobre alfabetização e letramento sejam permanentemente tensionadas pelas experiências concretas da

sala de aula, reduzindo a fragmentação entre fundamentos conceituais e prática pedagógica, problematizada na introdução deste trabalho.

Os encontros sistemáticos de estudo favorecem a ampliação do repertório teórico e o aprofundamento das concepções de alfabetização e letramento como práticas sociais. Nesse movimento, os participantes passam a compreender que alfabetizar não se restringe à aplicação de métodos ou à execução de atividades técnicas, mas envolve escolhas pedagógicas fundamentadas, análise das culturas infantis e reflexão crítica sobre o contexto escolar. Como afirma Soares (2020, p. 27), “alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos; portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro são de natureza essencialmente diferente”, o que exige que o ensino da escrita assegure, simultaneamente, a apropriação do sistema de escrita alfabética e a inserção dos sujeitos nas práticas sociais de leitura e escrita. Assim, a formação docente precisa ultrapassar a dimensão metodológica e assumir uma compreensão ampliada da linguagem como prática social.

Além disso, as discussões desenvolvidas no grupo reforçam a centralidade da infância como categoria social e cultural, exigindo que as práticas pedagógicas considerem as crianças como sujeitos de direitos e produtores de cultura. À luz da Sociologia da Infância, compreende-se que as crianças não são apenas receptoras de saberes, mas participantes ativos na construção de significados em seus contextos sociais (Corsaro, 2011). Tal perspectiva desloca a alfabetização de uma lógica exclusivamente técnica para uma abordagem que reconhece as culturas infantis e os modos próprios de as crianças se relacionarem com a linguagem escrita.

Nessa direção, Sarmento (2003) destaca que a infância deve ser compreendida como construção social, marcada por múltiplas experiências e atravessada por relações geracionais. Ao incorporar essa compreensão aos processos formativos, o GEALFI contribui para que os participantes problematizem práticas escolarizadas que desconsideram as especificidades da infância, favorecendo a elaboração de propostas pedagógicas mais sensíveis às experiências, às linguagens e aos contextos das crianças. Tais intersecções ultrapassam as fronteiras do âmbito acadêmico, mobilizando o repensar da prática como forma de valorizar saberes e culturas que alicerçam propósitos que vão além do aprendizado meramente formal.

Ao mesmo tempo, os professores da Educação Básica encontram no grupo um espaço de formação continuada que legitima suas experiências, promove a socialização de práticas e estimula a problematização das rotinas escolares em diálogo com a produção acadêmica, favorecendo a compreensão de que o saber se constrói historicamente e se transforma nas interações e nos contextos em que é produzido, o que implica aperfeiçoamento constante. Essa dinâmica fortalece uma postura investigativa, em que a prática não é apenas executada, mas analisada, debatida e ressignificada coletivamente, em articulação com referenciais teóricos contemporâneos sobre alfabetização e infância.

A institucionalização do Programa de Extensão Permanente “Alfabetizar Letrando na Infância”, no primeiro semestre de 2026, amplia e organiza esse movimento formativo ao estruturar as ações em três eixos articulados: planejamento e estudo, formação e vivência, produção e socialização, consolidando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O estudo sistemático realizado no grupo desdobra-se em cursos, oficinas, ciclos formativos e produções acadêmicas, ampliando o impacto formativo e social do GEALFI.

Os resultados indicam que a inserção em espaços investigativos desde a graduação e ao longo da trajetória profissional contribui para a constituição de uma identidade docente crítica e

reflexiva, comprometida com práticas de alfabetização significativas, lúdicas, socialmente situadas e respeitosas às múltiplas infâncias presentes no contexto escolar.

Conclusões

O GEALFI fortalece a formação inicial e continuada de profissionais que atuam com alfabetização e letramento na infância. O grupo articula estudo teórico, diálogo com a prática e produção coletiva de conhecimento. A participação em espaços investigativos desenvolve atitude crítica e postura reflexiva. A institucionalização do Programa de Extensão Permanente consolida a integração entre ensino, pesquisa e extensão reafirmando a formação profissional como prática investigativa comprometida com a realidade educacional brasileira e com a produção de conhecimento no campo da alfabetização e da infância. A experiência evidencia que a pesquisa, desde a graduação, qualifica a formação docente e contribui para práticas de alfabetização socialmente situadas.

Palavras-chave: alfabetização na infância; letramento; formação docente; pesquisa; extensão.

Referências

- CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores no Brasil: características e problemas**. Educação & Sociedade, 2010.
- GONÇALVES, Edilma Mendes Rodrigues. *O que as crianças nos ensinam: a construção de sentidos com a leitura e a escrita na Educação Infantil e na família*. 2025. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. DOI: 10.11606/T.48.2025.tde-24102025-151023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48138/tde-24102025-151023/pt-br.php>. Acesso em: 25 fev. 2026.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados**. Revista Brasileira de Alfabetização, n. 10, p. 17–30, 2019.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2003.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.